

# Significações da maternidade nas vozes de professoras que não foram mães: uma revisão bibliográfica

*Maria José Pinto de Mello CARVALHO<sup>1</sup>*

*Karla Cunha PÁDUA<sup>2</sup>*

## Resumo

O presente artigo resulta de uma pesquisa em andamento que investiga as significações da maternidade por parte de professoras que não foram mães e foi produzido a partir de pesquisa bibliográfica, na qual buscamos trabalhos que apontassem possibilidades de diálogos com a investigação proposta. Em um primeiro momento, realizamos buscas nos anais das seis últimas reuniões da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), mas depois a pesquisa se estendeu, também, para outras fontes de pesquisa que pudessem dar suporte ao estudo, desde que, dentro dos parâmetros de áreas afins das Ciências Humanas e Sociais. O resultado levantou possibilidades de recortes teóricos e metodológicos contemporâneos no que diz respeito às seguintes temáticas: gênero e educação; história das mulheres na carreira docente; os significados da não maternidade e a pesquisa com entrevistas narrativas.

**Palavras-chave:** Docência. Gênero. Maternidade. Narrativas.

---

<sup>1</sup> Graduada em Ciências Sociais pela UFMG; mestranda do Programa de Pós-Graduação de Educação e Formação Humana da UEMG; diretora e coordenadora de escola da Educação Básica da rede privada. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4370-3315> ; e-mail: zezeburu@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela UFMG e professora do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana da UEMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0421-9897>; e-mail: [karla.padua@uemg.br](mailto:karla.padua@uemg.br).

# Meanings of motherhood in the voices of teachers who did not have children: a literature review

*Maria José Pinto de Mello CARVALHO*

*Karla Cunha PÁDUA*

## **Abstract**

The present article is the result of an ongoing research that investigates the meanings of motherhood to teachers who were not mothers. Through a bibliographical research, we searched for works that indicated possibilities of dialogues with the proposed investigation. At first, we carried out searches in the annals of the last six meetings of the Association of Graduate Studies and Research in Education (ANPEd), but later the research was also extended to other research sources that could support the study, provided that within the parameters of related areas of Human and Social Sciences. The result raised possibilities for contemporary theoretical and methodological perspectives with regard to the following themes: gender and education; history of women in the teaching career; the meanings of non-motherhood and research with narrative interviews.

**Keywords:** Genre. Maternity. Narratives. Teaching.

# Significados de la maternidad en las voces de maestras que no fueron madres: una revisión de la literatura

*Maria José Pinto de Mello CARVALHO*

*Karla Cunha PÁDUA*

## Resumen

El problema de investigación que propongo investigar es profundizar las reflexiones sobre los significados de la maternidad en la sociedad brasileña contemporánea a través de la comprensión de cómo piensan las maestras que no fueron madres. El presente artículo se produjo a partir de una búsqueda, en un primer momento, en los anales de las últimas seis reuniones de la Asociación de Postgrados e Investigaciones en Educación (ANPEd). Se buscaron trabajos producidos que apuntaran posibilidades de diálogo con el problema en cuestión. Las búsquedas también se ampliaron a otras fuentes de investigación que pudieran sustentar el estudio, siempre que se dentro de los parámetros de áreas afines de las Humanidades y Ciencias Sociales. El resultado abrió posibilidades para enfoques teóricos y metodológicos contemporáneos en relación con los siguientes temas: género y educación; historia de la mujer en la carrera docente; los significados de la no maternidad y la investigación con entrevistas narrativas.

**Palabras clave:** Enseñanza. Género. Maternidad. Narrativas.

## Introdução

Este artigo resulta de uma pesquisa em andamento que investiga as significações da maternidade na sociedade brasileira contemporânea por meio da compreensão de como pensam professoras que não foram mães, utilizando como instrumento metodológico a entrevista narrativa. Pretendemos analisar como essas mulheres e professoras representam a si mesmas em uma sociedade que supervaloriza a maternidade<sup>3</sup>; identificar como se dá a relação entre projetos pessoais e vida profissional, uma vez que não sofrem a sobrecarga da maternidade; investigar a relação da escolha da carreira docente com ideais de maternidade, trazendo um pouco da história da inserção das mulheres nessa profissão.

A escolha de professoras para colher essas narrativas foi realizada no sentido de responder aos discursos significativos sobre maternidade que circulam no cotidiano das escolas, o que nos leva a investigar mais profundamente essa questão, especialmente com vistas à compreensão das relações de gênero. Deste modo, a carreira docente é um campo privilegiado para tal estudo, pois nela se concentra um grande contingente de mulheres, processo ocorrido a partir de meados do século XIX. Além disso, a imagem da professora da educação básica, nos anos iniciais, sempre esteve associada a uma substituta da mãe (LOURO, 2007).

Escolher mulheres que não foram mães para falar sobre a maternidade justifica-se por acreditar que existe uma visão diferente nas suas representações de si mesmas. Supomos que elas se prestam a um papel social diferente daquele atribuído à mulher na cultura ocidental, associado à maternidade e ao cuidado. Nesta pesquisa, optamos por focar em professoras que não tiveram filhos, com idade entre 40 e 70 anos, quando se inicia o final da vida reprodutiva.

Na intenção de perseguir essas questões faz-se necessário abrir um diálogo com outros autores(as) que corroboram com a temática que propomos pesquisar. Assim, analisamos o que as pesquisas em educação podem trazer de referenciais teóricos e metodológicos para o desenvolvimento dessa pesquisa, por meio de uma revisão bibliográfica.

Esta revisão teve como referência principal a pesquisa nos Grupos de trabalhos da ANPEd (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), priorizando as 3 últimas reuniões: 39<sup>a</sup>, 38<sup>a</sup> e 37<sup>a</sup>, relativas aos anos 2019, 2017 e 2015, respectivamente. Primeiramente foram

---

<sup>3</sup> Aprofundaremos um pouco tal discussão mais à frente, no item “Gênero e Educação”.

selecionados dois grupos de trabalhos que nos pareceram abrigar os trabalhos relacionados à maternidade / docência / gênero / narrativas: GT8 - Formação de professores e GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação. No entanto, após uma leitura dos títulos dos trabalhos, ampliamos a busca em mais dois grupos de trabalhos: GT2 - História da Educação e GT14 - Sociologia da Educação, por se tratar de um tema que necessariamente demanda a interdisciplinaridade. Os textos foram selecionados a partir da presença de um dos descritores em seus títulos. Em seguida, realizamos a leitura dos resumos.

Buscamos também as edições de 2017 a 2021 da revista da UEMG, “Educação em Foco”. Nessa busca, entretanto, o que nos pareceu mais pertinente ao problema da pesquisa foi a bibliografia contida nos artigos e nem tanto os artigos em si.

A seleção a partir dos GTs da ANPEd pautou-se nos seguintes critérios: escolha dos GTs, seleção por títulos de trabalhos apresentados nos GTs, leitura dos resumos dos trabalhos selecionados. Após a leitura, descartamos alguns trabalhos que não pareceram pertinentes ao tema de pesquisa. Selecionamos aqueles que o resumo sinalizou uma possível relação com o tema da pesquisa para uma leitura completa do artigo.

Dessa primeira imersão na revisão bibliográfica constatou-se a escassez de trabalhos na área de educação sobre o tema pesquisado e a necessidade de buscar outras áreas. Procuramos, então, trabalhos apresentados na reunião da ANPOCS (Associação Nacional de Pesquisa em Ciências Sociais) de 2020, buscando-os em 5 GTs :“Arte, Cultura e Ciências Sociais”; “Ciências Sociais e Educação”; “Gênero, família e a crise do cuidado”; “O cuidado na agenda política”; “Sexualidade e gênero: política, agenciamento e direitos em disputa”. Selecionamos apenas 5 artigos que pareceram relacionar ao tema maternidade e voltavam para a área de educação.

A busca continuou pelo Google acadêmico com as palavras chaves “Docência e Ideal de Maternidade”, “Não Maternidade”, que são bastante amplas, mas nos apresentaram uma infinidade de trabalhos, sendo poucos na área de educação e a maioria ligada à psicologia social. Nessa busca, priorizamos trabalhos publicados pela Scielo e por revistas de Educação de universidades reconhecidas no meio acadêmico.

Considerando todas essas fontes mencionadas, foram selecionados 90 trabalhos por títulos/filtro educação e realizada a leitura dos resumos. Após essa primeira leitura, 50 foram

Significações da maternidade nas vozes de professoras que não foram mães: uma revisão bibliográfica descartados por não se relacionarem aos objetivos de pesquisa. Então, em uma segunda leitura mais atenta dos 40 resumos restantes, descartamos outros 10 pelos mesmos motivos, entretanto, analisamos a bibliografia de todos esses trabalhos em busca de novos referenciais teóricos para o nosso trabalho. Dentre os 30 que restaram, priorizando os da ANPEd; fizemos a leitura atenta das publicações. Vinte pesquisas foram referentes às seis últimas reuniões da ANPEd (34<sup>a</sup>, 35<sup>a</sup>, 36<sup>a</sup>, 37<sup>a</sup>, 38<sup>a</sup> e 39<sup>a</sup>), das quais elegemos apenas 9 que pareceram dialogar com o problema de pesquisa, conforme quadro apresentado a seguir. Desses, a maioria serviu de referências para o tema e outros não discutem o assunto em si, mas sinalizam para estabelecer relações. Das outras fontes de pesquisa, portanto, 10 trabalhos lidos, selecionamos uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado que muito contribuiriam para ampliar o referencial teórico e metodológico.

A seguir, apresentaremos os recortes metodológicos que fundamentam a nossa pesquisa e o repertório teórico levantado a partir dessa revisão bibliográfica que nos aponta caminhos para, posteriormente, interpretar e estabelecer um diálogo com as significações da maternidade trazidas nas narrativas das professoras não mães entrevistadas.

## **Recortes metodológicos da pesquisa**

Todos os artigos escolhidos para a revisão bibliográfica, conforme detalhado na tabela apresentada a seguir, enquadraram suas pesquisas na metodologia qualitativa. Como afirma Louro, “a eleição de um determinado caminho metodológico está comprometido com as formulações teóricas que se adota” (2007, p. 215). Os campos de estudo pelos quais transitamos, especialmente estudos de gênero, partem da investigação qualitativa, principalmente quando se quer compreender experiências e significações dos sujeitos de acordo com suas próprias realidades. Essa opção metodológica perpassou todas as pesquisas aqui relacionadas, apesar de diferenciadas as estratégias de coleta de dados, tais como: entrevista semiestruturada (ROLA, 2020), entrevistas narrativas (GONÇALVES, 2007), grupos focais e entrevistas (DAL’IGNA, 2012), trabalho de campo de caráter etnográfico com entrecruzamento de informações documentais (KLEIN, 2011), história de vida dentro de estudo longitudinal, de inspiração etnográfica (SCWENBER, 2015). Outros trabalhos especialmente aqueles relacionados à História de Educação (LEON e FARIA, 2015) e o perfil de pedagogos (LUCINDO, 2015) utilizam-se de fontes documentais. Esse último alia essa forma de coleta de dados ao uso de

questionários e entrevista semiestruturada, dentro de uma abordagem qualitativa, desenvolvido na perspectiva biográfica.

**Tabela 1** - – Mapeamento dos artigos encontrados na revisão bibliográfica

Fontes de pesquisa	Trabalhos selecionados para leitura dos resumos	Trabalhos descartados após leitura do resumo	Leitura do Trabalho	Utilização no artigo de revisão bibliográfica	Seleção da bibliografia para posterior leitura
Revista “Educação em foco” (2013 a 2021)	08	07	01	-	01
Anais de reuniões da Anped 34ª à 39ª	30	10	20	6	14
Anais da Anpocs 44º encontro (2020)	05	05	-	-	05
Dissertações defendidas na Uemg (2011 a 2021)	05	02	03	-	01

Significações da maternidade nas vozes de professoras que não foram mães: uma revisão bibliográfica

Google Acadêmico/descriptores			-		-
- Docência e ideal de maternidade.	04	04	0 1	-	0 1
- Carreira docente como substituição da maternidade.			0 2		- 0
- Solteironas.	04	03	0	-	1
- Não maternidade por opção.	03	01	0 1	0 2	02
- Perfil de professoras sem filhos.	06	05	0 2	-	02
- Professora solteirona.	05	03		-	01
-Representações da maternidade.	11	09	0 2	-	
	08	07	0 1	-	

Fonte: elaboração das autoras.

Como podemos observar na tabela 1, a maioria dos trabalhos aqui utilizados foram encontrados nos Anais das reuniões da Anped (6 trabalhos), relativos aos anos de 2011, 2012 e 2015, como podemos ver na tabela 2.



**Tabela 2** - Detalhamento dos artigos analisados

REFERÊNCIA DO ARTIGO	NOME DO AUTOR, NOME DO ARTIGO E/OU DISSERTAÇÃO/TESE
34 Reunião Nacional da Anped, GT23	KLEIN, Carin – A Educação de Mulheres – mães pobres para uma infância melhor. 2011
34 Reunião Nacional da Anped-GT23	SCWENGBER, Maria Simone V.- A mídia ensina: imperativo da maternidade e paternidade responsáveis. 2011
35 Reunião Nacional da Anped – GT23	DAL'IGNA, Maria Cláudia – Família e escola: a fabricação da mulher –mãe em tempos da governamentalidade neoliberal. 2012
37 Reunião Nacional da Anped – GT2	LEON, Adriana Duarte e FARIA FILHO, Luciano Mendes de – A tradição e a Modernidade: a igreja católica e a articulação de um novo espaço para as mulheres.1930/1935. 2015
37 Reunião Nacional da Anped- GT8	LUCINDO, Nilzilene Imaculada – Perfil, formação e trajetória: um estudo sobre os pedagogos que atuam nas instituições de Ensino público da S.R.E. de Ouro Preto. 2015
37 Reunião Nacional da Anped.GT23	SCWENGBER, Maria Simone V.- Os meus filhos e os dele : os filhos da esperança.2015
Tese de doutorado em Ciências Sociais, UNICAMP	GONÇALVES, Eliane – Vidas no singular: noções sobre mulheres sós no Brasil contemporâneo. 2007
Dissertação de Mestrado. Psicologia- Universidade do Porto	ROLA, Maria José Lopes – Solteiras mas não solteironas: percepções, significações e vivências de mulheres solteiras mais velhas. 2020.

Fonte: Próprias autoras.

Significações da maternidade nas vozes de professoras que não foram mães: uma revisão bibliográfica

Grande parte dos trabalhos/artigos aqui analisados partem da perspectiva metodológica de análise de discurso de Foucault. Propõem compreender o processo de construção da história dos sujeitos “levando em consideração o embate contínuo entre o ‘eu’ subjetivo e as vozes que circulam social e culturalmente, produzindo, assim identidades” (SCWENGBER, 2015, p. 2). Segundo Gonçalves (2007, p.2), “apoiada nos argumentos de Michel Foucault (1992), Clifford Geertz (1983, 1997) e Donna Haraway (1995), considero os diferentes ‘corpus’ de noções como um conjunto de discursos parciais, localizados, interessados, posicionados, referidos a contextos particulares e passíveis de interpretação”. Essa tendência, segundo Louro (2007), trata-se de uma disposição investigativa que seria a de voltar o olhar para os processos minuciosos. Uma abordagem detalhada vai supor um texto ou uma escrita em que a descrição ganhe realce. A autora acrescenta que “observar e descrever, com tantos detalhes quanto for possível, os jogos através dos quais as referências de normalidade e de diferença, de sujeitos normais e de sujeitos “diferentes”, colocam-se como procedimentos fundamentais” (2007, p. 217)

As narrativas de professoras que não foram mães constituem outro recorte do nosso problema de pesquisa. Inspirando e dialogando com essa abordagem, Gonçalves (2007) trabalha com narrativas de mulheres de camada média sem filhos. Segundo ela, suas falas assentadas na “experiência de si mesmas”, poderiam ser tomadas como “mais verdadeiras”.

A experiência de si não pode ser descolada de suas relações com um domínio de saberes e um conjunto de práticas normativas. Segundo Jorge Larrosa (1994, p. 56) ela é: o resultado de um complexo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade (GONÇALVES, 2007, p. 4).

Outro ponto que foi ressaltado nos trabalhos consultados nessa revisão bibliográfica é atentar para os núcleos de significações que emergem através das narrativas. Scwengber (2015) nos alerta para as palavras que norteiam as narrativas dos interlocutores e constroem redes de significados sempre ligados à lógica do contexto em que foram produzidas.

Como já sinalizamos, estamos utilizando entrevistas narrativas com professoras que não tiveram filhos, na faixa etária entre 40 e 70 anos, pois nesta faixa etária, supõe-se que a maioria das mulheres ou já foram mães ou já desistiram de ser, uma vez que após 40 anos, a mulher aproxima-se

do final da vida reprodutiva. Cabe frisar que a ênfase em mulheres que não foram mães ou não tiveram filhos é diferente de mulheres que não gestaram. Entre essas últimas poderá existir aquelas que adotaram um filho, “alugaram uma barriga”, dentre outros casos e, portanto, foram mães. Pretendemos entrevistar mulheres que não tiveram filhos pelos mais diversos motivos: opção, falta de oportunidade de arranjar um parceiro, infertilidade dela ou do parceiro, falta de recursos para tratamento de infertilidade, etc. Esses motivos, com certeza, surgirão no decorrer das entrevistas.

O critério de escolha das entrevistadas tem sido a indicação, desde que cada uma concorde em dar entrevista, seja acessível e esteja dentro do corte de idade. Uma informante indica outra desde que sempre possamos incrementar a compreensão. Assim, as indicações seguiriam um processo de “bola de neve” ou “em cadeia” (BOLÍVAR, 2002). Pretendemos contemplar uma maior diversidade de condição social, etnia, raça, orientação sexual, dentre outros.

A entrevista narrativa é um instrumento de pesquisa qualitativa que, diferentemente da entrevista semiestruturada, baseia-se em uma única questão gerativa capaz de provocar uma narração do sujeito, a partir do tema de estudo, que vai estimular a narrativa principal do sujeito entrevistado (FLICK, 2004). Segundo esse autor, o entrevistado deve se sentir à vontade para contar sua história. Sua narrativa não deve ser interrompida pelo entrevistador, mas este pode sinalizar, através de encorajamento não verbal, que está entendendo a história narrada. Apenas depois que o/a narrador/a encerrou essa primeira parte da entrevista, denominada de narrativa principal, o/a entrevistador/a poderá estimulá-lo a trazer novos detalhes ou elementos que ajudam a aprofundar a compreensão da história narrada. Nessa segunda fase da entrevista, denominada de investigações narrativas, tal estímulo é feito com outras perguntas gerativas de narrativa. E esgotadas tais perguntas, chega-se à fase de equilíbrio, na qual se busca uma síntese final, privilegiando perguntas ao entrevistado do tipo “como” e, mais tarde, no final, do tipo “por quê”. Alguns autores, como Jovchelovitch e Bauer (2003), recomendam nessa fase final da entrevista, parar a gravação e lembrar de fazer anotações imediatamente após a entrevista.

De acordo com Teixeira e Pádua (2006), a entrevista é um encontro sócio antropológico de sujeitos com diferentes registros culturais, o que exige do pesquisador uma fina escuta. O entrevistado empresta sua vida ao entrevistador e essa relação deverá ser tratada com muita delicadeza. Cabe ao entrevistador a busca de informalidade, da espontaneidade e da confiança dos sujeitos. Ainda de acordo com as autoras, outro aspecto importante é a temporalidade inscrita na entrevista. A escolha

Significações da maternidade nas vozes de professoras que não foram mães: uma revisão bibliográfica da data, horário da entrevista pelos entrevistados e entrevistador deve obedecer a um tempo em que eles possam dispor livremente sem atropelos de tarefas que possam interromper a narrativa e cuidar também do período de duração da entrevista. É preciso escutar o silêncio, sem quebrá-lo, deixá-lo transbordar. Aprender o gesto, as emoções, a expressão corporal do entrevistado. Nesse sentido, o caderno de campo é interessante para registro da situação da entrevista.

Contudo, para compreender as significações dessas docentes entrevistadas, sabemos que é fundamental a construção de um repertório teórico capaz de com elas dialogar e interpretar. Nessa direção, apresentamos a seguir os principais resultados da pesquisa bibliográfica realizada, cuja síntese está organizada em três eixos: Gênero e educação; Mulheres e a carreira docente e A não maternidade e seus significados.

## **Gênero e educação**

A temática gênero e educação é bastante recorrente nos grupos de trabalhos da ANPED, principalmente a partir de 2004, quando foi criado o GT 23 – Gênero, sexualidade e educação. De acordo com Ferreira e Nunes (2013), antes disso as produções sobre gênero e sexualidades apresentadas nas reuniões da Associação Nacional de Pós- Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) encontravam-se diluídas em outros GTs, especialmente o GT2 – “História da educação”.

A partir dessa constatação, orientamos a pesquisa de revisão focando nesses dois GTs e trazendo os referenciais teóricos das pesquisas neles apresentadas. Com base no título de cada trabalho, realizamos uma leitura para conferir se o assunto principal do texto se encaixava nos objetos da nossa investigação. Referências recorrentes foram identificadas nesses trabalhos, especialmente no que concerne ao conceito de gênero.

A primeira grande referência brasileira recorrente na área de estudos sobre gênero é Guacira Lopes Louro, quem com grande propriedade nos convida a estudar as dinâmicas de poder entre gênero e sexualidades, discretas e quase imperceptíveis para muitos.

Há um consenso, enfatiza Louro (2007), no âmbito dos estudos de gênero de que “todos os significados feministas modernos de gênero partem de Simone de Beauvoir e de sua afirmação de que ‘não se nasce mulher’” (p.207). Embutida nessa afirmação está a noção de construção de um sujeito feminino ou do sujeito de gênero como se diria mais tarde. Trabalhar “com o conceito de

gênero significa colocar-se contra a naturalização do feminino e obviamente do masculino” (2007, p. 207).

Ao problematizar a noção de construção social, Louro insere a discussão de que um corpo não existiria antes ou fora da cultura:

A identificação ou a nomeação de um corpo (feita no momento do nascimento, ou mesmo antes, através de técnicas prospectivas) dá-se, certamente, no contexto de uma cultura, por meio de linguagens que essa cultura dispõe e, deve-se supor, é atravessada pelos valores que tal cultura adota (LOURO, 2007, p. 209).

Ainda nos mostra Louro, que apesar da diversidade de entendimentos e conceituações adotadas,

aparentemente, a maioria das estudiosas e estudiosos considera que a sexualidade supõe ou implica mais do que corpos, que nela estão envolvidos fantasias, valores, linguagens, rituais, comportamentos, representações mobilizadas ou postos em ação para expressar desejos e prazeres. Muitos/as daqueles/as que se dedicam a pesquisar esse campo fazem referência aos estudos de Michel Foucault, em especial à sua obra *História da sexualidade* (LOURO, 2007, p.210).

Isso foi confirmado nas pesquisas encontradas que buscam compreender “as representações e os significados da(s) maternidade(s) no contexto da narrativa (trajetória) de vida de uma mulher que se tornou mãe ainda na adolescência” (SCWENGBER, 2015, p.2) Na esteira dessa autora, através das narrativas de professoras que não foram mães pretendemos investigar as representações da maternidade através da compreensão de como é a experiência de vida de uma mulher sem filhos.

À maneira de Beauvior, considerando a ideia da mulher como construção, algo do tornar-se, a autora também referencia-se em Foucault (1988)

para pensar as subjetividades e as identidades inscritas nos meandros das experiências de si, do tempo, da história. As mulheres não constituem uma uniformidade, mas talvez uma unidade que reúne sentidos diversos; elas são, sim, um efeito social e cultural. Ainda que na contemporaneidade as subjetividades e identidades femininas sejam múltiplas, entendo que categorias, como gênero e classe, se constituem em elementos importantes para a compreensão da maneira como as mulheres pensam e constroem a vida cotidiana. Já assinalo de saída que não existe um único roteiro para viver a maternidade (SCWENGBER, 2015, p. 2).

Não poderia deixar de mencionar outra referência importante e recorrente nas pesquisas selecionadas, com certeza a mais mencionada, no que diz respeito ao conceito de gênero como categoria de análise: Joan Scott

Significações da maternidade nas vozes de professoras que não foram mães: uma revisão bibliográfica

Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão interrelacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa correção integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1995, p.86).

A autora ressalta que o gênero como um elemento constitutivo das relações sociais implica em elementos inter-relacionados como, por exemplo, os símbolos culturalmente disponíveis. Nesse aspecto, eles evocam representações simbólicas com frequência contraditórias. Cita Eva e Maria como símbolos da mulher na tradição cristã ocidental expressando relações dicotômicas de luz e escuridão, purificação e poluição, inocência e corrupção. A questão assim colocada nos instiga a investigar que representações simbólicas são invocadas ao pensarmos a maternidade na sociedade contemporânea. Essa orientação se vê bem claramente nas pesquisas analisadas nos GTS da Anped.

Novamente Scwengber (2015, p. 3) traz no seu trabalho o interesse de compreender os significados maternos discursivos construídos na narrativa de sua interlocutora olhando “as arestas de uma narrativa de vida e as fendas das potências que dão mobilidade às diferentes posições identitárias”. Acrescenta que a partir dessa narrativa emergiram dois núcleos de significações: “a dimensão dos abandonos, a repetição do ciclo de pobreza e a possibilidade de um novo percurso de amparo e esperança a partir da maternidade” (SCWENGBER, 2015, p. 8).

Podemos perceber através dessa pesquisa a potência das narrativas na evocação de representações simbólicas, muitas vezes ambíguas e contraditórias, tal como assinalado por Scott (1995).

Ainda como referencial teórico bastante recorrente nas pesquisas investigadas nessa revisão está a noção da construção das identidades por um conjunto de discursos a partir das análises de Butler (2003). Essa autora nos conduz a pensar as identidades como construídas por um conjunto de discursos familiares, políticos, jurídicos, econômicos, religiosos e das políticas públicas. Sob o poder performativo desses discursos também se ensina a ser mulher e ser homem.

Scwengber (2006) alia as noções de Butler (2003), Foucault (2010) e Scott (1995) para trabalhar o conceito de “inteligibilidade social” de Butler que é “aquilo que se produz como consequência do reconhecimento de acordo com as normas sociais vigentes” (2006, p.12). Ao analisar as narrativas de sua interlocutora, a autora enfatiza que “a condição de mulher para sua missão fundamental de ser mãe confere-lhe a posição identitária que corresponde aos apelos de uma lógica

feminina tradicional que tem como horizonte o lar (família) e a maternidade” (SCWEMGBER, 2006, p.9).

## **Mulheres e a carreira docente**

A análise do referencial teórico de algumas pesquisas do GT2 da ANPED – História da Educação – sinalizou para uma relação com nosso problema de pesquisa, especialmente no que diz respeito a uma reflexão histórica sobre a inserção das mulheres na carreira docente. Trabalhos sobre a feminização do magistério, como Carvalho (2018); Castanha (2015); Munhoz (2022); Hahner (2011); Uekane (2010) e Vidal e Carvalho (2001), nessa direção, serão aprofundados no decorrer da pesquisa.

Há mais ou menos sessenta anos, no Brasil, a maioria das professoras eram mulheres que não se casaram. Faziam da profissão um substituto da maternidade estendendo aos alunos os cuidados e dedicação como se fossem seus filhos. Havia poucas oportunidades para as mulheres no mercado de trabalho e, quando existiam, estavam associadas à reprodução de seu papel social como cuidadoras. Pouquíssimas tinham acesso a uma educação formal. Prioritariamente faziam o curso de “normalista” e seguiam a carreira de professoras.

A transformação do magistério em “trabalho de mulher” tem sua marca, em meados do século XIX, quando da abertura das escolas normais. Apesar de essas escolas serem destinadas a homens e mulheres, em 1874, por exemplo, havia um maior número de mulheres e uma diminuição do número de homens. Vale lembrar que a atividade docente, no Brasil, havia sido iniciada por homens – religiosos, especialmente jesuítas, oficiais (LOURO, 2008, p.375). O que mais contribuiu para afastar os homens do magistério foi o processo de industrialização da época, que os levou à procura de carreiras mais rentáveis. Os argumentos a favor da feminização do magistério defendiam que:

as mulheres tinham, ‘por natureza’, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e “naturais educadoras”, portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, “a extensão da maternidade”, cada aluno ou aluna vistos como um filho ou uma filha “espiritual (LOURO, 2007, p. 376).

Dentro desse quadro produziu-se também para as mulheres uma concepção de trabalho fora de casa. Tal ocupação era concebida como transitória e “deveria ser abandonada sempre que impusesse a verdadeira missão feminina de esposa e mãe. O trabalho fora seria aceitável até o

Significações da maternidade nas vozes de professoras que não foram mães: uma revisão bibliográfica momento do casamento, ou para mulheres que ficassem sós – as solteironas e viúvas” (LOURO, 2008, p.379).

O perfil das professoras foi produzido em meio a aparentes paradoxos uma vez que teria que ocupar papéis de profissional e “mãe espiritual”. O afeto passa a ser considerado fundamental para o ambiente de aprendizado, tanto para a educação escolar quanto para a educação no lar – para professora e para a mãe. Com isso, torna-se coerente incentivar a presença feminina nos cursos de magistério.

A escola parecia desenvolver um movimento ambíguo: de um lado, promovia uma espécie de ruptura com o ensino desenvolvido no lar [...] de outro, promovia, através de vários meios, sua ligação com a casa, na medida em que cercava a formação docente de referências à maternidade e ao afeto (LOURO, 2008, p.383).

Pesquisas apontam, nesse mesmo contexto, no início do século XX (LEON e FARIA FILHO, 2015), que o exercício da docência é estabelecido principalmente no ensino primário, relacionando-se assim às características da maternidade. Ao analisar os discursos veiculados na imprensa católica, os autores observam que sentimentos como afeto, amor e carinho passam a se tornar adjetivos para a educação escolar e a mulher a pessoa indicada para exercer a docência.

Remetendo ao contexto atual, observa Klein (2011, p. 9) que:

produz-se uma pedagogia que exalta o posicionamento da mulher como educadora e cuidadora e uma suposta entrega que deve ser realizada quando se ama [...] Em nossa cultura, amor, assim como abnegação, paciência, culpa, sofrimento e dor, tem sido insistente e reiteradamente associado ao feminino e à maternidade.

O grande contingente de docentes continua sendo de mulheres, especialmente na educação básica. Segundo o censo escolar de 2017, 2,2 milhões de professores lecionam até o ensino médio, 1,8 milhões são mulheres. No entanto, na universidade, onde o salário é maior, elas representam 45,28% e os homens 54,72%. Na educação infantil, as mulheres chegam a ser quase a totalidade.

Os desdobramentos dessa associação histórica entre mulher e maternidade e valores como cuidado, docilidade, paciência fazem-se presentes, ainda hoje, especialmente na educação infantil. Zibetti (2007) afirma, a partir de pesquisas com professoras desse nível de ensino, que está presente entre as próprias educadoras o discurso de que as mulheres possuem habilidades inerentes ao trabalho com crianças pequenas.



Com relação às mulheres solteiras, Louro (2021) pontua que historicamente quem vai primeiramente dedicar ao magistério são as mulheres solteiras, as órfãs e as viúvas. À professora inicialmente está associada a imagem da solteirona – a mulher que não conseguiu casar. Aliás, elas eram praticamente impedidas de casar: “Por um largo tempo associou-se, então, a professora com a solteirona, com a mulher que não conseguiu casar. Se o casamento e a maternidade constituíam o destino “natural” e desejado para todas as mulheres, àquelas para as quais isso parecia de algum modo inalcançável restaria se entregar a tarefas que tivessem uma analogia com tal missão.” (2021, p.108)

O processo de feminização do magistério, de acordo com Vianna (2001), associa-se às péssimas condições de trabalho, ao rebaixamento salarial e à estratificação sexual da carreira docente, assim como a reprodução de estereótipos por parte da escola.

As pesquisas realizadas por Vianna (2001) apontam que as mudanças ocorridas na sociedade nas últimas décadas deslocaram a mulher de seu papel tradicional. A mulher pode se dedicar exclusivamente ao trabalho, não ter filhos nem marido e investir em projetos pessoais. No entanto, a compatibilidade entre trabalho e tarefas domésticas na vida das mulheres permanece difícil. Talvez por isso muitas optem pela negação do casamento e maternidade.

## **A não maternidade e seus significados**

Nas buscas nos GTs da ANPEd, poucos foram os trabalhos encontrados que se relacionam à educação e abordam a não maternidade. Não foram encontradas nesses GTs nenhuma pesquisa que dirige o olhar às significações da maternidade a partir da perspectiva de professoras que não foram mães, nem mesmo aos significados dessa experiência para a educação e os próprios sujeitos.

“Mulheres que não são mães” é uma categoria muito pouco aprofundada pela educação, no entanto, bastante pesquisada pela psicologia social. Em nossas buscas posteriores no Google acadêmico, usando vários descritores, os quais já foram citados anteriormente, as pesquisas que mais se relacionaram a esse problema de pesquisa se abrigavam nos descritores: solteirona e professora solteirona, mesmo assim, com poucos resultados comparativamente aos outros descritores utilizados. Como se vê, as mulheres que não se casaram são muitas vezes abordadas de maneira pejorativa.

Chamou-nos a atenção para uma dissertação de mestrado recente, a qual foi lida integralmente. Neste trabalho, Rola (2020, p;30) afirma que: “são esporádicas as investigações que se centram nos grupos de pessoas solteiras e especialmente em mulheres solteiras”. A autora

Significações da maternidade nas vozes de professoras que não foram mães: uma revisão bibliográfica entrevista mulheres entre os 65 e os 78 anos de idade e traz um recorte teórico interessante que pode dialogar com o nosso tema de pesquisa. Utilizando o referencial de Goffman (1982), Rola afirma que podemos considerar tais mulheres como desviantes por não se adequarem e nem se conformarem às normas sociais hegemônicas. A autora também se referencia a Bourdieu (1996, p.20) para dizer que as “mulheres solteiras são percebidas como inadequadas, incompletas e marcadas socialmente como um grupo em sofrimento social; devido ao fato de contestarem a hegemonia cultural heterossexual pró-casamento e família” (tradução livre).

Temos como pressuposto que as mulheres que não foram mães se prestam a um papel social diferente daquele atribuído à mulher na cultura ocidental. Essa negação de um papel social idealizado nos remete ao trabalho de Strathern (1995), que estuda mulheres que querem ter bebês sem relação sexual. Essa autora enfatiza que os ideais têm de ser protegidos para se manter o sistema social e que as mulheres são as guardiãs desse ideal. São elas que têm de mostrar que a procriação é um fato natural, estabelecer a possibilidade de sua criança ter um pai e dispendo-se ao intercurso sexual mostrar que os filhos nascem necessariamente de relacionamentos. Reportamo-nos aqui para pensar no caso das mulheres que não foram mães. O que está em questão é a negação do significado simbólico da maternidade? Nesse sentido, poderíamos pensá-las como não guardiãs do ideal da maternidade?

É sobre esse aspecto que nossa pesquisa está sendo construída. Na esteira de Butler (2014), sustentamos um olhar desconfiado de que nas narrativas dessas mulheres possam surgir discursos de resistência às regulações de gênero impostas pela sociedade. Segundo a autora, contestar a autoridade do simbólico é “insistir que a norma na sua temporalidade necessária está aberta para um deslocamento e uma subversão desde seu interior” (BUTLER, 2014, p.12). No entanto, como as pessoas são reguladas pelo gênero, esse poder regulador - quer seja médico, legal, dentre outros - logo produz parâmetros de pessoas, ou seja, construção de pessoas de acordo com normas abstratas.

Estaria o ideal da maternidade abalado na nossa sociedade? Podemos observar um afrouxamento no imperativo de constituir famílias. Estatísticas mostram, por exemplo, que o percentual de mulheres acima de 40 anos sem filhos no Brasil tem crescido, ainda que essas mulheres representem uma minoria (dados do IBGE de 2014). Concomitantemente, têm crescido também, as técnicas de reprodução assistida e uma tendência ao adiamento da maternidade. Dados do Ministério da Saúde (2015) mostram que cresce em 49%, em duas décadas, o número de mulheres que têm filhos

após os 40 anos. O dado mostra a ideia do adiamamento da maternidade, na maioria das vezes, em função do trabalho ou realização profissional, mas não a desistência de ser mãe.

Pesquisa realizada com mulheres que não desejam ter filhos, no contexto de classe média da cidade do Rio de Janeiro (BARBOSA E COUTINHO, 2012), aponta que o ideal parece ainda residir numa tentativa da mulher de conciliar a maternidade e a realização profissional, na medida em que somente com a chegada de um filho ela se tornaria um ser completo. Mas tal investigação admite que, ao nível do indivíduo mulher, há mudanças importantes em relação às escolhas abertas. Segundo uma interlocutora dessa pesquisa, “as amarras sociais são fortes, mas é uma opção da mulher se ela vai querer suportar ser cobrada ou não.” Essa última fala nos faz lembrar a colocação de Butler (2014), segundo a qual é a sujeição o processo pelo qual a regulação produz gênero. Tem que haver sujeitos a serem sujeitados a essa regulação. As não mães enfrentam que tipo de questionamento na condição feminina por não ter filho? Até que ponto elas vão suportar as pressões sociais para terem filhos? Como vivenciam tais pressões aquelas que não se sujeitam?

Negar ser mãe é aparentemente mais fácil do que querer e não poder ser, em termos biológicos. Mas, simbolicamente mais difícil. Interessa-nos analisar essa simbologia do negativo, algo que é negado a uma condição que deveria ser “natural”. A questão não é a ausência do filho, mas a impossibilidade de ocupar um “lugar” sem o atravessamento da condição materna. Nesse sentido, quais os constrangimentos sociais que passam as mulheres que não desejam ter filhos?

Apesar das modificações nos comportamentos e ideias na contemporaneidade, ainda estereótipos e preconceitos marcam nosso cotidiano. Em uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), no ano de 2013, quase 60% dos entrevistados responderam que concordam total ou parcialmente com a afirmação de que “uma mulher só se sente realizada quando tem filhos”.

Como nos lembra Butler (2017), os estereótipos têm uma função de controle, confinam as mulheres em certos modelos, em certos padrões sociais, especialmente aqueles que nos colocam longe da vida pública. A cultura patriarcal, somada aos meios de comunicação de massa continuam operando no sentido de fazer que recaia sobre as mulheres as responsabilidades tanto com a criação dos filhos e a manutenção da casa quanto aos cuidados com a contracepção.

## **Considerações Finais**

Ensina-nos Charlot que “quando sabemos aquilo que queremos conhecer, temos a base de um projeto de pesquisa” (2006, p.10). O nosso desejo inicial é conhecer como é vivida a não maternidade e, nessa busca, traçamos estratégias para sua concretização. Essa revisão bibliográfica, portanto, faz parte desses caminhos traçados e ainda em construção.

O nosso olhar, ao revisar as bibliografias, foi dirigido para o que tem sido produzido por pesquisadores (as) da área de educação no que diz respeito: ao conceito de gênero utilizado, à professora e a associação da carreira com a maternidade, à negação da maternidade, à produção de narrativas.

Essa revisão ampliou nossas opções teóricas e metodológicas e, somadas às referências pesquisadas anteriormente, contribuiu para circunscrever o quadro de referências teórico-metodológicas da nossa pesquisa em andamento. Para o entendimento desse movimento e das questões suscitadas nesses caminhos, fazemos aqui uma analogia à metáfora da lanterna usada por Santos (2019, p.11), ao comentar sobre a importância das epistemologias do sul:

Numa época como esta, os que lutam contra a dominação não podem contar com a luz no fim do túnel. Terão de levar consigo uma lanterna portátil, uma luz que, mesmo sendo trêmula ou fraca, ilumine o suficiente para que sejam capazes de identificar o caminho como sendo o seu caminho e, assim, evitar acidentes fatais.

Considerando o sujeito mulher sem filho e especialmente focando na história de vida de professoras – a não maternidade e sua relação com seus projetos pessoais e à carreira – as atuais pesquisas na área de educação pouco exploraram. Constatamos que são raros os estudos que dirigem um olhar para as representações de professoras que não foram mães e os significados dessa experiência para a educação e para os próprios sujeitos. Há mais estereótipos a respeito das mulheres não mães e pouca investigação científica. Como são as experiências relacionadas à não maternidade dessas mulheres? Que narrativas e reflexões elas fazem a respeito dessas experiências?

Como cientistas sociais que somos, temos saberes consolidados e posicionamentos éticos que nos fazem pertencer a um lugar no universo de conhecimentos e estabelecer diálogos com os parceiros. Partindo das narrativas das mulheres entrevistadas, pretendemos mostrar que há representações diversas na sociedade e a importância de aprender a convivência e o respeito com a diversidade, apontando diversas possibilidades de existência.

## Referências

- ALVES – MAZZOTI, Alda J. A “revisão da bibliografia” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno. In: BIANCHETTI, Lucídio & MACHADO, Ana Maria N. **A Bússola do escrever: desafios e estratégia na orientação e escrita de teses e dissertações**. São Paulo: Cortez, 2012, p. 45 - 59.
- BARBOSA, Patrícia Zulato & COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. **Ser Mulher Hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos**, In: Psicologia & Sociedade, 24 (3) Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo: fatos e mitos – Volume 1**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. On the Family as a realized category. In: **Theory, Culture and Society**. 1996. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/026327696013003002>.
- BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cadernos pagu** n. 42, p. 249 – 274, Jan. – jun., 2014.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2017.
- CARVALHO, Marília Pinto de. **O conceito de gênero no dia a dia da sala de aula**. in R. Educ. Públ. Cuiabá, v.21, n.46, p.401-412, maio/ago. 2012.
- CARVALHO, M. R. V. **Perfil do professor da educação básica**. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2018.
- CASTANHA, A. P. O processo de feminização do magistério no Brasil do século 19: coeducação ou escolas mistas. **Revista História da Educação**, v. 19, n. 47, 2015, p.197-212. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/5TjtHjHWVxYtkVJhbFRqB8P/?lang=pt&format=pdf>
- CHARLOT, Bernard – A Pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro. V.11, n.31, abr.2006.
- DAL’IGNA, Maria Cláudia - Família e Escola: A fabricação da mulher-mãe em tempos de governabilidade neoliberal. **35ª Reunião Nacional da Anped – Educação, cultura, pesquisa e Projetos de Desenvolvimento: O Brasil do século XXI**. Porto de Galinhas: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2012, Disponível em: [http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-1690\\_int.pdf](http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-1690_int.pdf). Acesso em: ago.2021.
- FERREIRA, Márcia O. V. e NUNES, Georgina H2; KLUMB, Márcia C.V. As temáticas gênero e sexualidades nas reuniões da ANPED de 2000 a 2006. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 55, out-dez.2013.
- FLICK, Uwe. As narrativas como dados. In: **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto alegre: Bookman, 2004.

Significações da maternidade nas vozes de professoras que não foram mães: uma revisão bibliográfica

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. Vol.1. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GONÇALVES, Eliane – **Vidas no singular**: noções sobre “mulheres sós” no Brasil contemporâneo. UNICAMP. Tese de doutorado em Ciências Sociais. 2007.

HAHNER, J. E. Escolas mistas, escolas normais: a coeducação e a feminização do magistério no século XIX. State University of New York at Albany. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2: 336, 2011, (p. 467-473). Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200010> . Acesso em 20/07/2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Mulheres sem filhos (% por faixa etária). 2004. Disponível em <http://www.huffpostbrasil.com/2018/10/31/mulheres-tem-cada-vez-menos-filhos-e-escolhem-pela-maternidade-tardia-aponta-ibge-a-23577014/>. Acesso em: 02/09/2020.

JOVCHELOVITCH, S. e BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. e GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 2.ed. Petrópolis: Vozes 2003.

KLEIN, Carin – A Educação de Mulheres – mães pobres para uma infância melhor. **34ª Reunião Nacional da Anped** – Educação e Justiça Social – Natal: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2011. Disponível em: <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-501%20int.pdf>. Acesso em: agos.2021.

LEON, Adriana Duarte e FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A Tradição e a Modernidade: A Igreja Católica e a articulação de um novo espaço para as mulheres 1930/1935. **37ª Reunião Nacional da Anped**. Tensões e perspectivas para a educação pública brasileira. Associação Nacional de Pós-graduação e pesquisa em Educação, Florianópolis: 2015. Disponível em <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT02-3874.pdf>. Acesso em: agos.2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula**, in DEL PRIORE (org.) História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. n.46. p.201-218. Dez. 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2021.

LUCINDO, Nilzilene Imaculada - Perfil, formação e trajetórias: Um estudo sobre os pedagogos que atuam nas instituições de Ensino público da S.R.E. de Ouro Preto. **37ª Reunião Nacional da Anped** – Tensões e perspectivas para a educação pública brasileira - Florianópolis: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 2015. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT08-4097.pdf>. Acesso em: ago de 2021.

LUNA, Sérgio – **Planejamento de pesquisa**: uma introdução – elementos para uma análise metodológica. São Paulo: EDUC, 2002.

MINISTÉRIO DA SAÚDE: **Mães após 40 anos cresce 49% em duas décadas**. 2015. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,n-de-mulheres-que-sao-maes-apos-os-40-anos-cresce-49-em-duas-decadas,70001687252>. Acesso em set de 2021.

MUNHOZ, F. G. Contribuições da história da educação para problematizações sobre as questões de gênero, raça e classe no magistério na educação básica. In: ECAR, A. L. (Org.); BARROS, S. A. P. (Org.). **História da educação**: formação docente e a relação teoria-prática. 1. ed. São Paulo: FEUSP, 2022.

ROLA, Maria José Lopes – **Solteiras mas não solteironas**: percepções, significações e vivências de mulheres solteiras mais velhas. Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. Psicologia. 2020.

SANTOS, Boaventura S. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre: UFRGS, v.20, n.2, p.71-99, jul/dez 1995.

SCWENGBER, Maria Simone V. Os meus filhos e os dele: os filhos da esperança. **37ª Reunião Nacional da Anped** – Tensões e perspectivas para a educação pública brasileira. Florianópolis: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 2015. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT23-3523.pdf>. Acesso em: agos.2021.

SCWENGBER, Maria Simone V. A mídia ensina: Imperativo da Maternidade e Paternidade Responsáveis. **34ª Reunião Nacional da Anped** – Educação e Justiça Social. Natal: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 2011. Disponível em: <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-83%20int.pdf> Acesso em: agos.2021.

STRATHERN, Marilyn. Necessidade de pais, necessidade de mães. **Revista estudos feministas**, n. 3, v. 2, Rio de Janeiro, 1995.

TEIXEIRA, Inês A. de Castro e PÁDUA, Karla Cunha. Virtualidades e Alcances da Entrevista Narrativa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, II, 2006, Salvador. **Anais ...** Salvador: UNEB, 2006. 1 CD-ROM.

UEKANE, M. N. Mulheres na sala de aula: um estudo acerca do processo de feminização do magistério primário na Corte Imperial (1854-1888). **Revista Gênero**, v. 11 n. 1, 2010.

VIANNA, Cláudia Pereira. Sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu**, v. 2, 2001.

Significações da maternidade nas vozes de professoras que não foram mães: uma revisão bibliográfica

VIDAL, D. G.; CARVALHO, M. P. Mulheres e Magistério Primário: tensões, ambiguidades e deslocamentos. In VIDAL, D. G.; HILSDORF, M. L. (Orgs). **Brasil 500 anos: tópicos em História da Educação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 205-224.

ZIBETTI, Maria Lúcia Tonato. O que pensam professoras da educação infantil sobre a feminização da profissão docente? **30ª Reunião Nacional da Anped GEPPEA/UNIR**. GT: Gênero, sexualidade e educação, n. 23, 2007. Disponível em: <http://www.30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT23-3041--Int.pdf>. Acesso em mai.2022.

---



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 09/05/2022

Aprovado em: 22/02/2023